

O DIAGNÓSTICO DO NIILISMO NA TRADIÇÃO OCIDENTAL

André Luiz Santos Diniz¹

RESUMO

O objetivo deste estudo é trazer o panorama do niilismo na tradição Ocidental, com a análise do termo na literatura russa, perpassando pela carta de Jacobi a Fichte até a morte de Deus em Nietzsche e as interpretações de Heidegger. Sem deixar de apontar o diagnóstico do niilismo na religião contemporânea com Danièle Hervieu-Léger.

Palavras-chave: Diagnóstico. Modernidade. Moral. . Niilismo. Ocidente. Religião.

A crise da tradição hegemônica do Ocidente do ponto de vista metafísico, moral, religioso e cultural deve ser analisado histórico-genealógicamente para ser compreendido. Sob a ótica do niilismo será apresentada a questão da crise da cultura. Niilismo é um termo muito caro a reflexão axiológica de Friedrich Wilhelm Nietzsche. Ele ilustra o niilismo com a seguinte expressão: “*Der Nihilismussteht vor der Thür: woher kommt uns dieser unheimlichste aller Gäste?*” (NIETZSCHE, 1980, p. 125)³. *Umheimlich* é uma palavra alemã de difícil tradução para o português, vários podem ser o seu significado, alguns são: terrível, amedrontador, assustador, estranho, inquietante, perturbador. Numa tradução literária, o adjetivo *unheimlich* significa algo não familiar ou que dista de familiaridade. O hóspede com esta característica é, no mínimo, uma grande perturbação ao seu anfitrião. O niilismo, neste contexto, provoca na tradição ocidental um mal estar, tal qual hóspede.

O primeiro uso filosófico registra-se no fim do século XVIII em torno do idealismo alemão acusado de niilismo. Friedrich Heinrich Jacobi em sua carta a Fichte chama de niilismo a destruição das evidências e das certezas do senso comum e o aniquilamento da realidade objetiva. “*Verdaderamente, querido Fichte, no debedisgustarme, cuandosted, oquiensea, quierenllamarquimerismo a lo que yoopongo al Idealismo, al que acuso de nihilismo*”⁴. (JACOBI, p. 256).

Uma filosofia pura, completamente imanente, tudo tem que ser dada somente na razão e pela razão, no eu enquanto eu, o eu, e a razão deve ser capaz de deduzir tudo. À razão deve perceber, razão pura é uma percepção. A filosofia da razão pura seria uma intuição pura, um perceber puro, um ato espiritual. Tal ato pode ser intuído e conceituado e convertido em forma, em coisa e a coisa em nada. Desta forma, Deus pode ser intuído, mas não investigado.

Jacobi identifica niilismo com ateísmo, uma vez que o uso do conceito niilismo toma em Jacobi o sentido de crítica ao modo da apreensão em que se tomava a ideia de Deus pelos idealistas alemães, trazendo-o ao cerne da especulação filosófica dentro da esfera da experiência como discurso. Ao fazer de Deus um

¹Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, andrelsdiniz@gmail.com

²“O niilismo está à porta: de onde nos chega esse mais inquietante de todos os hóspedes?”

³ KSA 12

⁴Verdadeiramente, meu caro Fichte, não devo me aborrecer se você ou quem quer que seja quiser chamar de quimerismo isso que eu oponho ao idealismo e repudio como niilismo. (tradução nossa).

objeto de discurso, argumentativo, dialético e racional, Jacobi enxerga o encaminhamento para a anulação e a aniquilação do ser.

Na Rússia da segunda metade do século XIX, niilismo passa a ser denominação de um importante movimento de rebelião social. Volpi, em *O niilismo*, aponta para Turgueniev que reivindica a paternidade do termo com o romance *“Pais e Filhos”* (1862) que representa uma crítica à estrutura da sociedade russa. O personagem Bazarov é definido como niilista, o qual dá corpo o tipo de homem e de atitude teórico e prático que se impõe na realidade histórica seu tempo. Bazarov encarna a figura de um jovem rebelde que não crê em nada e luta contra a ordem tradicional e os valores dos pais, refletindo o conflito e o rompimento de gerações e valores na Rússia. Desta forma, é a partir do século XIX, que niilismo indicará a situação de esvaziamento do valor da tradição, de Deus, da verdade e do bem.

Nos escritos póstumos de Nietzsche encontra-se a resposta à pergunta o que é niilismo. *“Nihilism: esfehlt das Ziel; esfehlt die Antwort auf das “Warum?” was bedeutet Nihilism? _ daß die obersten Werthesichentwerthen.*⁵” (NIETZSCHE, p. 350)⁶. Tal processo é o traço mais profundo que caracteriza a história do pensamento europeu como história de uma decadência: o seu ato originário é a fundação da doutrina dos dois mundos por obra de Sócrates e Platão, vale dizer, a postulação de um mundo ideal, transcendente, em si, que como mundo verdadeiro é superior ao mundo sensível. Posta essa dicotomia que divide o ser em dois, está dada com ela a condição pela qual o mundo verdadeiro, ideal, perde o valor e se desvaloriza até ser destruído e anulado.

Nietzsche distingue duas formas de niilismo, passivo e ativo, ambos exprimem a decadência das pulsões criativas. O niilismo passivo exprime uma sensação de angústia diante do nada ao perceber a não correspondência do mundo com os esquemas mediante os quais é interpretado. É um tipo de pessimismo, onde se percebe que nada tem valor e nada vale a pena. O niilismo ativo é o niilismo afirmativo, consiste em ver como estímulo a possibilidade de criar novos valores: *“Nihilismals Zeichen der gesteigerten Macht des Geistes: als activer Nihilism. Erkennen in Zeichen von Stärk e sein: die Kraft des Geistes kann so angewachsen sein, daß ihr die bisherigen Ziele (“Überzeugungen”, Glaubensartikel) unangemessen sind”*⁷. (NIETZSCHE, p. 350)⁸.

O diagnóstico do niilismo, feito por Nietzsche, à tradição, remonta a idade antiga, quando os pensadores fazem a escolha do ser e, o não-ser, como cita Heidegger, fará um caminho de bosque, um caminho marginal à filosofia da tradição. Nietzsche critica Sócrates por abandonar a arte trágica, o homem artista e criador, fundamentando na metafísica, no homem teórico a busca da verdade.

Existe contudo, para além dessa conclusão isolada como excesso de honestidade, quando não de leviandade, uma profunda ilusão que veio pela primeira vez ao mundo na pessoa de Sócrates – aquela inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de corrigi-lo. Essa sublime ilusão metafísica é aditada com instinto à ciência, e a conduz sempre de novo a seus limites, onde ela tem

⁵Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao por quê?. O que significa niilismo? – que os supremos valores se desvalorizam.

⁶KSA 12

⁷Niilismo como um sinal do crescente poder do espírito: enquanto niilismo ativo. Pode ser um sinal de força, a força do espírito pôde aumentar tanto que os objetos fixados até então (‘convicções’, artigos de fé) já não estão à altura.

⁸KSA 12

de transmutar-se em arte, que é o objetivo propriamente visado por esse mecanismo. (NIETZSCHE, 2005 p. 111).

Sócrates é o marco onde inicia um novo tipo de pensamento que deságua a cultura moderna ocidental. A pretensão socrática da verdade é um sintoma de decadência, uma vez que o homem ideal é uma repulsa à vida, pessimismo diante da própria existência. Desta forma, Nietzsche aponta como sintoma da *decadence*, a formação de um novo tipo de homem que condena a vida a ser justificada em outra realidade inventada cuja essência é inatingível.

Da mesma maneira em que é feita a crítica ao socratismo-platonismo, também se estende ao cristianismo, ambos se aproximam no projeto moral e metafísico, uma vez que o sentido último do homem se encontra no âmbito do supracensível, Nietzsche vai chamar de platonismo do povo o cristianismo. O ideal de verdade do cristianismo, iniciada em Sócrates e Platão, constitui o coroamento da moral da *decadence* que degenera e corrompe o homem. Em *O anticristo*, Nietzsche aponta o negativo e desastroso à vida os “ideais da humanidade” incutido pela cultura cristã.

Denomino corrompido o animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde seus instintos, quando escolhe, quando prefere o que lhe é nocivo. Uma história dos “sentimentos elevados” dos “ideais da humanidade” e é possível que tenha de escrevê-la praticamente explicaria por que o homem é tão degenerado. A própria vida apresenta-se a mim como um instinto para o crescimento, para a sobrevivência, para a acumulação de forças, para o *poder*: sempre que falta a vontade de poder ocorre o desastre. Afirmando que todos os valores mais elevados da humanidade carecem dessa vontade que os valores de *decadência*, de niilismo, agora prevalecem sob os mais sagrados nomes. (NIETZSCHE, 1997, p. 18).

É uma religião decadente, uma vez que também sua moral funda-se na negação da efetividade em função da verdadeira realidade estar posta num “além-mundo”, se apresenta como ideal, o sentido último, desprezando as condições do mundo do vir-a-ser. Consequentemente, na história da cultura cristã, os ideais da *decadence*, coloca o homem numa dimensão cada vez mais profunda de estagnação diante da vida, uma vez que a vontade criadora dá lugar ao ressentimento.

É no anúncio da morte de Deus que Nietzsche ilustra com tom pessimista e trágico a desvalorização dos valores supremos, o terror do anúncio da morte de Deus e seus ideais podem ser vistos nas várias analogias que o autor faz:

O homem desvairado – Não ouviram falar daquele homem desvairado que em plena manhã ascendeu uma lanterna, correu até a praça e gritou incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!” – E como lá se encontravam muitos daqueles que não acreditavam em Deus, ele provocou uma grande gargalhada. Será que ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como criança? perguntou outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou em um navio? Emigrou? – assim gritavam e riam uns para os outros. O homem se lançou para o meio deles e transpassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós matamos – você e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não erramos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pelo

o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que ascender a lanterna de manhã? Ainda não escutamos nada do barulho dos coveiros que estão a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos. Como nos consolamos, os assassinos entre todos os assassinos? O mais sagrado e poderoso que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos purificar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza deste ato não é grande demais para nós? Nós mesmos não deveremos nos tornar deuses para que venhamos a parecer dignos deste ato? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertence por causa deste ato a uma história mais elevada do que toda história até aqui! Neste momento silenciou o homem desvairado e olhou novamente para os seus ouvintes: Também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. Finalmente, ele lançou sua lanterna no chão, de modo que esta se partiu e apagou. “Eu cheguei cedo demais” – disse ele então – “eu não estou sintonizado com o tempo”. Este acontecimento extraordinário ainda está a caminho e perambulando – não chegou ainda aos ouvidos dos homens. O raio e a tempestade precisam de tempo, a luz dos astros precisam de tempo, os atos precisam de tempo, mesmo depois de terem sido realizados, para serem vistos e ouvidos. Este ato é para os homens mais distante que o mais distante dos astros: e porém eles o cometeram! – Conta-se ainda que o homem desvairado adentrou no mesmo dia várias igrejas e entoou aí seu Requiem aeternam deo. Acompanhado até a porta e interrogado, limitava-se a responder. “O que são ainda afinal estas igrejas, senão túmulos e mausoléus de Deus?”. (NIETZSCHE, 2001, p. 51).

Nietzsche utiliza da imagem do louco para anunciar a morte de Deus, não é um homem de razão, mas um visionário, alguém que vê a frente do que acontece e tem uma visão distinta do senso comum. A “lanterna acesa em plena luz do dia” revela o desejo de encontrar Deus em uma busca minuciosa, perderam-se os valores supremos, a metafísica, a moral estão extintas. Os homens na praça juntamente com o louco são os assassinos de Deus, são os homens que perderam ou substituíram a percepção de sentido. A Morte de deus: é a percepção que deus foi abandonado; o norte, o fim foi deixado de lado, e para expressar tamanho acontecimento, Nietzsche compara com o esvaziamento do mar; este que em toda história causou temor pela vastidão e perigos; o apagar o horizonte e o desatar a terra do sol são expressões do esgotamento da racionalidade dualista do mundo sensível e suprassensível e, assim, a destruição do sentido e da meta; O anoitecer eternamente é a possibilidade do homem de nunca superar a morte de deus. O homem já não tem um sentido a seguir, mas vários, já não sabe com o que substituir deus, são barcos em alto mar: sentimento do homem diante do novo universo de possibilidades que surgem com a morte de deus. O eclipse configura o fim de uma era. Nietzsche frisa a morte de deus com a imagem de coveiros enterrando deus, e que as igrejas são grandes mausoléus de deus; assim como os mausoléus, as igrejas, além de grandes construções, as instituições religiosas reguladoras são abandonadas. A expiação do crime e invenção de novos jogos para reparar o crime são as tentativas do homem para superar tal acontecimento. A “morte de Deus” representa a perda de um fundamento metafísico como gerador de doutrinas morais; ao mesmo tempo em que se torna acontecimento da cultura moderna.

A atitude diante do niilismo é um ponto de discordância de Heidegger e Schopenhauer. Para o segundo, a vida não tem sentido para ser afirmada, onde o homem estaria jogado, a mercê e impotente diante deste processo de esvaziamento de valores.

Heidegger vê Nietzsche como um filósofo metafísico, o qual aponta em seus diagnósticos a perda dos valores e do sentido das diferenciações do sensível e do supra sensível. Heidegger considera que antes de querer superar o niilismo, é indispensável conhecer sua essência, e isso significa entender que ela é um movimento histórico, inerente a própria história do ser. A morte de Deus, é a morte do Deus ocidental, do Deus cristão, os valores supremos, o mundo supra-sensível. O niilismo não é apenas a manifestação da decadência, é a própria decadência e é a “lógica intrínseca” da história ocidental.

La frase «Dios ha muerto» significa que el mundo suprasensible ha perdido su fuerza efectiva. No procura vida. La metafísica, esto es, para Nietzsche, la filosofía occidental comprendida como platonismo, ha llegado al final. Nietzsche comprende su propia filosofía como una reacción contra la metafísica, lo que para él quiere decir, contra el platonismo. (HEIDEGGER, 1996).

Deus como fundamento de toda a duplicação da realidade em sensível e suprasensível implica que com sua morte toda estrutura da tradição ocidental é abalada.

Gianni Vattimo, no primeiro capítulo de “o fim da modernidade” valoriza positivamente as potencialidades emancipadoras do niilismo. Para Vattimo, niilismo não é um problema historiográfico, ele existe em ato e deve ser compreendido o ponto em que se encontra e que atitudes nos convoca. A morte de Deus resume o processo do niilismo, a desvalorização dos valores supremos. Do ponto de vista do niilismo a cultura do século XX assistiu a consumação de todos os projetos de reapropriação.

Nilismo consumado é o abandono do ser como fundamento e lançar-se ao abismo. É uma atitude positiva diante do niilismo, é buscar um meio de viver o niilismo, dar uma afirmação. Ele vai mostrar que o niilismo revela a fragilidade na construção da realidade segura que a metafísica necessita. Para Vattimo, devemos ser o niilistas consumados, ou seja, aquele que compreende o niilismo como sua única chance de se afirmar; assim como para Heidegger, o niilismo é a única chance do pensamento contemporâneo. Deve-se, afirmar-se a necessidade de renunciar aos valores supremos e a reconhecer e a aceitar o devir em sua facticidade, sem transcendê-lo com formas e sentido.

Danièle Hervieu-Léger em seu artigo *In Search of Certainties: The Paradoxes of Religiosity in Societies of High Modernity*¹⁰ faz uma análise de dados de pesquisas sobre instituições reguladoras da religião e o crentes coletados de países da Europa, mostrando que é possível identifica-los nos Estados Unidos, assim como pode ser no Brasil.

Para Danièle o racionalismo moderno não marca o fim da religião ou o desaparecimento da necessidade de acreditar, mas traz sinais de uma sociedade fragmentada e niilista. Neste trabalho ela aponta na tradição hegemônica paradoxos na cultura moderna, uma sociedade pautada pelo razão, ciência e a autonomia do sujeito, frente a uma proliferação da religiosidade, crenças e fé, fundamentadas e exercidas debilmente.

Nas sociedades que adotaram a autonomia dos indivíduos como um princípio, indivíduos criam, de forma cada vez mais independente, os

⁹Historicamente

¹⁰ Em busca de certezas: Os paradoxos da religiosidade nas sociedades da alta modernidade

pequenos sistemas de crença que se ajustam a suas próprias aspirações e experiências. (HERVIEU-LÉGER, 2006).

Visto desta forma, a modernidade religiosa significa a divulgação individualizada das convicções e o colapso dos códigos religiosos que organizaram certezas compartilhadas dentro de comunidades de crentes. Assim, as autoridades religiosas não são mais os fiadores da fé, há um deslocamento para os próprios indivíduos que são responsáveis pela autenticidade da sua própria aproximação espiritual.

Danièle Hervieu-Léger destaca dois elementos cuja combinação lança alguma luz sobre a característica de ecletismo crescente das produções de crença dos indivíduos: O primeiro é o enfraquecimento das estruturas familiares de transmissão religiosa, o segundo ponto é a pronta disponibilidade, sem código de acesso especial, de estoques múltiplos de símbolos que ampliou fenomenalmente.

O esvaziamento de valores da cultura moderna sinalizado na crise das instituições reguladoras da religião é a própria história do Ocidente. Seja o niilismo aquela acusação encontrada em tratados teológicos, seja nas controvérsias do idealismo alemão no século XVIII, ou no movimento de rebelião sócio-político-ideológico da Rússia, ainda em textos literários, mesmo sobre o pensamento alemão e italiano, representado por Heidegger e Vattimo, o niilismo suscita o sentimento tanto de desconfiança, desamparo, como também de novas possibilidades e novas criações. Algumas questões

O diagnóstico da crise da tradição hegemônica do Ocidente do ponto de vista metafísico, moral, religioso e cultural sob a ótica do niilismo traz algumas reflexões: “Realmente, hoje, com mais igrejas, somos religiosos?”, “Deus, ainda poderá se reerguer e tomar novamente lugar que era seu na tradição?”, “o que assumirá o lugar de Deus?”, “o que é essa religiosidade sem religião?”. E estas perguntas urgem de respostas e não podem ser desconsideradas uma vez que deus morreu e nunca houve tantos mausoléus para ele.

NOTAS EXPLICATIVAS

Abreviaturas

KSA – Kristische Studienausgabe .

AC – O anticristo.

GC – A gaia Ciência

NT – Nascimento da tradição

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos da Floresta**. Lisboa. 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle, **In Search of Certainties: The Paradoxes of Religiosity in Societies of High Modernity**. The Hedgehog Review. Spring & Summer, 2006.

JACOBI, Friedrich Heinrich. **Cartas a Mendelssohn / David Hume / Carta a Fichte**. Barcelona: Círculo de Lectores, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Nascimento da tragédia**. São Paulo: Rideel, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sämtliche Werke**. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden. Hrg. von Giorgio Colli undazzinoMontinari. München, Berlin, New York, Deutscher Taschenbuch Verlag und Walter de Gruyter, 1980.

VATTIMO, Ginni. **O fim da modernidade: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLPI, Franco. **O Niilismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.